

A representação da modelo trans Valentina Sampaio no Instagram

Trans model Valentina Sampaio's representation on Instagram

Carlos Renan Samuel Sanchotene¹

Gabriel Carvalho dos Santos²

Resumo: Este trabalho busca compreender de que forma acontece a representação da mulher trans no Instagram, a partir da análise de publicações do perfil da modelo Valentina Sampaio. Acredita-se que o Instagram possibilita maior autonomia para contar novas narrativas, produzir e compartilhar imagens acerca de representações sociais. Busca-se compreender questões que envolvem a transexualidade, movimento LGBTQIA+, trans e travesti. Para tanto, realizou-se uma análise de conteúdo do perfil da modelo entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado. Os *posts* foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo. Os resultados apontam que as redes digitais estão abrindo caminhos para a representatividade trans sendo um meio de visibilidade e quebra de estereótipos.

Palavras-chave: Valentina Sampaio; Instagram; Mulher Trans; Representação.

Abstract: This study seeks to understand how trans women are represented on Instagram by analyzing posts from model Valentina Sampaio's profile. It is believed that Instagram allows for greater autonomy in telling new narratives, producing, and sharing images about social representations. It seeks to understand issues surrounding transsexuality, the LGBTQIA+ movement, transgender people, and transvestites. To this end, a content analysis of the model's profile was conducted between January 2023 and January 2024, totaling one year of collected material. The posts were categorized as advertising campaign posts, personal life posts, and activism posts. The results indicate that digital networks are paving the way for trans representation, serving as a means of visibility and break stereotypes.

Keywords: Valentina Sampaio; Instagram; Trans Woman; Representation.

Introdução

A transexualidade tem sido pesquisada pela comunidade científica de forma tardia. Segundo Dias (2015), no Brasil, os estudos começaram no final da década de 90. Pesquisa feita pelo autor através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) mostra que anterior a 2003 constavam três publicações referentes ao tema: 1995, 1997 e 2001. A primeira da área do direito e as duas posteriores da antropologia. O autor assevera que é importante recorrer a mais pesquisas sobre o assunto, visto que, é por meio delas que é possível trabalhar para resolver as consequências negativas que a marginalização do grupo enfrenta, desde questões familiares a elaboração de políticas públicas.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Divinópolis). E-mail: carlos_sanchotene@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2818-5567>

² Graduando em Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil. E-mail: gabriel.1224carvalho@gmail.com.

Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que a falta de conversas sobre o tema gera uma invisibilização que se alastra para outras esferas da sociedade. Quando o assunto é a falta de representação da transexualidade entre os indivíduos, um campo que se torna bem suscetível a críticas é o midiático. Para os autores, a persistência na generalização dos termos relacionados aos grupos transforma o imaginário popular dificultando, cada vez, mais uma representação correta nos veículos de comunicação.

Silva (2000) argumenta que as identidades necessitam do processo de representação para existirem. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (Silva, 2000, p. 91).

Nesse sentido, Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que a produção discursiva é um locus privilegiado capaz de determinar características esperadas ou, ainda, criar e reproduzir estereótipos sobre diferentes identidades. Para os autores, as representações às quais temos acesso tendem a oferecer imagens pré-concebidas de determinados grupos sociais, moldando nossa opinião e o próprio modo como estes grupos se percebem.

A questão da produção de sentidos sobre as identidades de mulheres transexuais é problemática. Segundo Filho, Santos e Oliveira (2022), temporalmente alguns avanços são percebidos, mas ainda existe uma persistência sobre estereótipos que foram construídos ao longo de um século. Os autores ressaltam que mulheres transexuais ainda são descritas na grande mídia como pessoas doentes que buscam nas cirurgias de redesignação sexual uma cura, desconsiderando todas aquelas que não desejam se submeter a cirurgia. Os autores também explicam que outro olhar advém da persistência em negar seus direitos civis, impedindo que sejam capazes de alcançar objetivos que já estão inseridas em contextos de privilégios cisgênero³.

Partindo do pressuposto de que o Instagram é uma ferramenta utilizada não só para compartilhar fotos e vídeos, mas também contribuir para a mudança na percepção sobre a vida de pessoas trans, busca-se compreender como a modelo Valentina Sampaio utiliza seu perfil no Instagram para a normalizar corpos trans. Natural do Ceará, Valentina está marcando a história da moda por ser a primeira modelo transgênero a ser capa da *Revista Vogue França* e a desfilarem pela Victoria's Secrets. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar e identificar as estratégias

³ Uma pessoa cis é aquela que nasceu com sexo biológico feminino e se identifica como mulher. Ou que nasceu com o sexo biológico masculino e se identifica como homem.

utilizadas no perfil da modelo, descrever as tematizações discutidas, além de compreender e refletir sobre a representação de pessoas trans. A análise compreende o período entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado, correspondendo a 32 postagens. Os *posts* foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo.

Para tanto, o presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiramente é apresentado o movimento LGBTQIA+ (Green, 2000; Green; Quinalha, 2023; Brito; Silva, 2017), em seguida, o movimento e a luta de mulheres trans e travestis (Passos, 2022; Silva; Ramacciotii, 2020; Souza, 2023). Logo após, descrevemos a metodologia e análise. Por fim, são apresentadas as considerações do estudo.

2 Movimento LGBTQIA+

A história revela que a homossexualidade está presente nas sociedades há milhares de anos. Alexandrino (2021) explica que entre os gregos a “camaradagem” era vista como uma prática feita entre amigos. No Brasil, os relatos de portugueses que vieram ao país no período de 1500 mostravam um espanto da classe conservadora e cristã com as relações homossexuais entre nativos (Trevisan, 2018).

O período da república brasileira (1889) foi marcado por mudanças sociais, políticas e econômicas. Neste momento, a vida brasileira era movida por ideias de modernidade. Muitas invenções mudaram as relações sociais como, por exemplo, o avião, a energia elétrica, o gramofone, entre outros (Silva, 2015). Porém, apesar das mudanças e um novo Código Penal sendo estabelecido, no qual continuava a discriminação da sodomia (Green, 2000), os meios coercitivos continuavam por controlar, julgar e condenar o comportamento homossexual.

Neste momento da *belle époque brasileira*⁴, havia também um estereótipo com homens que praticavam sexo com outros homens, sendo associados à prostituição (Green, 2000). Assim, a efeminação do homem e a prostituição foram relacionadas ao comportamento

⁴ A *Belle Époque* no Brasil teve início em 1889, com a Proclamação da República, e foi até 1922, encerrando-se com a semana de Arte Moderna em São Paulo. Assim como na Europa, foi um período de intenso desenvolvimento tecnológico, arquitetônico e urbano. A ligação do Brasil com a França foi intensa na *Belle Époque*, tanto que a alta burguesia viajava com frequência à Paris para estar informada sobre as tendências culturais, artísticas e tecnológicas. É importante frisar que a *Belle Époque* no Brasil foi concentrada nas regiões mais prósperas do país na época: a região do ciclo da borracha (Amazonas e Pará), a região cafeeira (São Paulo e Minas Gerais) e as três principais cidades coloniais brasileiras (Recife, Rio de Janeiro e Salvador).

homossexual até a segunda metade do século XX, quando surgiram alternativas de identidade sexual que questionavam essa ideia dominante (Green, 2000).

O primeiro período da ditadura militar (1964-1968) representou uma fase em que aconteceu uma perseguição maior do sindicalismo organizado. Neste momento, a homossexualidade era uma ameaça ao autoritarismo. “O Anticomunismo se articulava com valores morais conservadores na produção de políticas repressivas do estado contra pessoas LGBT, pelos riscos que estas representavam à “família”, à “moral” e aos “bons costumes” (Green; Quinalha, 2023, p. 17). O segundo período (1968-1969) foi caracterizado pela efervescência cultural e mobilizações contra o endurecimento da violência. Porém, a edição do AI-5, decretada em dezembro de 1968, trouxe fim às expectativas de melhorias, uma vez que a repressão, a censura, o medo, as violências, a cassação de direitos e o poder policial diminuíram as chances de uma organização LGBT (Green; Quinalha, 2023).

A terceira etapa, que durou até 1973, foi um período conturbado. Ao mesmo tempo em que ocorria a repressão com gays, lésbicas, transsexuais, travestis, também acontecia o Milagre Econômico⁵ que culminou no consumismo, especialmente em bares e baladas urbanas, espaços movimentados pelo público gay da época (Green; Quinalha, 2023).

A partir de 1977, as mobilizações estudantis, greves nas zonas industriais da Grande São Paulo e por todo o país, ajudaram a mostrar que existia uma possibilidade de contestação à ditadura militar (Green; Quinalha, 2023). Com o sentimento de revolta pairando naquele momento, culminou no surgimento do jornal *Lampião da Esquina*, considerado por alguns pesquisadores como o marco zero do movimento homossexual brasileiro (Brito; Silva, 2017, p. 216). O jornal surgiu como uma forma de imprensa alternativa, já que a Lei de Censura prévia à Imprensa silenciava a comunidade gay. Assim, o periódico abordava discussões acerca de sexualidade, lutas por direitos e liberdade de expressão e de gênero (Brito; Silva, 2017). O veículo foi um marco para o início do movimento de luta pelos direitos LGBTQIA+ no Brasil e ajudou a registrar como essa população vivia no período de regime autoritário.

Nos anos finais da ditadura militar, a repressão policial ainda era muito forte (Green; Quinalha, 2023). Os movimentos feminista e negro serviram de exemplos para o início do Movimento LGBTQIA+ (Green; Quinalha, 2023). Grandes avanços foram feitos por grupos militantes como Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa.

⁵ Milagre Econômico ou “milagre econômico brasileiro” corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa.

Faz parte desse período a campanha nacional do GGB pela retirada da homossexualidade do Instituto Nacional de Assistência Médica (INAMPS), ou seja, a luta pela despatologização [...] Também foi nesse período o surgimento da expressão “orientação sexual” em oposição ao que seria uma opção, uma escolha. O grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro assim como o Grupo Gay da Bahia se formalizou e realizou uma campanha pela inclusão da não discriminação pela orientação sexual na Constituinte de 88, sem sucesso. Mas tal iniciativa viria influenciar o Movimento na luta contra a discriminação e é dessa corrente que surgem legislações punitivas em âmbito estadual e municipal (Pereira, 2022, p. 45).

É importante destacar que, nesse momento, os homossexuais e as travestis não apresentavam uma distinção. No final da década de 1970 - quando movimentos homossexuais brasileiros começam a lutar para incluir na Constituição de 1988 o termo “orientação sexual”, como forma de combater a discriminação - que essa diferença começa a ser mais evidente na sociedade.

3 O movimento e a luta de mulheres trans e travestis

As discussões acerca da transexualidade são relativamente recentes quando observadas no contexto histórico, porém há relatos feitos no século XV sobre pessoas que apresentavam comportamentos diferentes. Moreira e Marcos (2019), relatam que os primeiros registros de transexualidade vieram da França. Muitos destes documentos contavam sobre mudanças de vestimentas e comportamentos. Também existiam os casos de mudanças de gênero, como o de Germain Garnier, empregada do rei Carlos IX, batizada como Marie.

Conta-se que, no período de sua puberdade, a menina Marie havia saltado por cima de uma vala quando corria atrás dos porcos, num campo de trigo. Naquele momento, a genitália se desenvolveu nela, rompendo os ligamentos que até então a prendiam. Marie foi até a casa e procurou pela mãe, que consultou médicos e cirurgiões, os quais lhe garantiram que sua “filha” agora era seu “filho”. Um bispo do lugar declarou, em assembleia, que realmente havia ocorrido uma transformação. Dessa forma, Marie passou a se chamar Germain e ganhou roupas masculinas (Moreira; Marcos, 2019, p. 597).

A partir deste primeiro registro, até meados do século XVIII, as diferenças biológicas, estruturas físicas e órgãos genitais não eram os critérios fundamentais para definir o gênero de uma pessoa, sobretudo na binaridade entre homem e mulher. No século XVII, Tibira é o primeiro caso de homofobia/transfobia registrado no Brasil. Descrito como hermafrodita, a indígena Tupinambá possuía cabelos finos, flexíveis e cumpridos, voz e pele lisas. Tibira foi

condenada pela Inquisição por causa da sua complexidade transviada (Yu *et al.*, 2022). Foi presa, acusada de praticar sodomia, e obrigada a se batizar antes de ser assassinada (Mott, 2007).

No Brasil, a luta por direitos, visibilidade e dignidade começa a partir da década de 1970. Passos (2022) explica que as reivindicações feitas por trabalhadoras sexuais contribuíram para a conscientização de travestis, pois eram constantemente vítimas de uma narrativa estereotipada como perigosas e violentas. Em 1995, um grupo de mulheres trans e travestis começou a se organizar politicamente participando do MHB⁶, Movimento Homossexual Brasileiro (Carvalho; Carrara, 2013). Em 1997, é criado o Movimento Transexual de Campinas (MTC), grupo marcado pela preocupação pedagógica e respeito da transexualidade (Carvalho; Carrara, 2013). No ano 2000, em Curitiba, é criada a Articulação Nacional de Travestis, Transexuais (ANTRA), maior rede nacional de ONGs de travesti se transexuais da América Latina.

Um avanço histórico na luta do movimento foi a criação do Programa Social Brasil sem Homofobia, em 2004. O programa tinha como objetivo “a promoção da cidadania, a equiparação dos direitos e o combate à violência contra pessoas LGBT” (Souza, 2023, p. 8). Outro marco histórico foi a conquista do Dia da Visibilidade Trans, comemorado em 29 de janeiro. A data foi conquistada em 2004 com a participação de travestis e transexuais em conjunto com o Congresso Nacional, e fez parte da primeira campanha Travesti e Respeito⁷, contra a transfobia⁸ no Brasil (Souza, 2023).

A partir do século XXI, o movimento trans ganhou cada vez mais força, principalmente em relação a políticas públicas. “A agenda de políticas públicas próprias da comunidade LGBT no Brasil ainda é incipiente, se comparada àquelas voltadas para a coletividade heterossexual e até mesmo para outras minorias e grupos vulneráveis” (Mazano; Cardin, 2017, p. 157). Políticas relacionadas à saúde e exploração sexual tornam-se relevantes porque visam “combater o tráfico de pessoas, crime muito comum a travestis e transexuais; garantia do direito ao processo transexualizador referente a redesignação sexual e o uso do nome social especialmente nos órgãos públicos” (Silva; Ramacciotii, 2020, p. 393). Ao mesmo tempo, políticas de educação

⁶ MHB – Movimento Homossexual Brasileiro, foi o formato da sigla para representar a comunidade começou na década de 1970. Na época, o movimento era intitulado Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Depois de diversas conferências com ativistas e militantes, incorporaram-se outras siglas, principalmente pela atuação de lésbicas, pessoas transexuais e bissexuais. Assim, chegou-se à sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes).

⁷ “Travesti e Respeito”, do Departamento DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, e foi criada com o objetivo de sensibilizar educadores e profissionais de saúde e atentar para a própria cidadania e autoestima de travestis e transexuais.

⁸ O termo transfobia é um conceito usado para designar e analisar as múltiplas formas de violência contra pessoas trans – pessoas que vivem a transgeneridade.

para a inclusão dessa população no mundo do trabalho (Silva; Ramacciotii, 2020) e em cargos políticos (Paranhos, 2023) são necessárias.

4 Caminhos metodológicos

Picchiai, Martinez e Azoubel (2020) afirmam que as mídias exercem poder sobre o público, reproduzindo discursos que contribuem para a formação de estereótipos sociais. Dessa forma, quando a representação de pessoas trans é discutida, percebemos um comportamento que resume a comunidade à violência, à marginalidade, ao humor e à chacota. Filho, Santos e Oliveira (2022), explicam que a produção de discurso é um dos principais recursos no processo de representação porque é capaz de determinar as características de um determinado grupo de pessoas no meio social.

As redes sociais, como o Instagram, permitem que pessoas trans tenha voz e sejam ouvidas. Ao publicarem conteúdos conseguem chamar a atenção e ganhar visibilidade. “Nesse cenário de conexão e expansão é importante entender como a internet e as redes sociais são capazes de interferir nas escolhas e no comportamento” (Lourenço; Lima; Rodrigues, 2021, p. 90). Dessa maneira, atualmente, a visão como a sociedade interpreta pessoas trans também pode ser ressignificada com influência das redes sociais. Por meio do Instagram, elas conseguem contribuir para que a imagem estereotipada de suas existências, resumidas a sofrimento, violência e prostituição, seja quebrada.

A partir dessa contextualização, o objeto do presente estudo é fruto dessa dinâmica em que as imagens compartilhadas nas redes sociais se naturalizam com rapidez e desempenham papel fundamental no cotidiano das pessoas. Assim, compreender como Valentina Sampaio usa as redes sociais para compartilhar momentos de sua vida é uma forma de entendermos as representações de corpos trans.

Em relação à metodologia, optamos pela pesquisa qualitativa de análise de conteúdo (Bardin, 2011) que se baseia em três características: pré-análise – organização do material a ser analisado (leitura do material, escolha dos documentos, hipóteses, objetivos); exploração do material – codificação, no qual os dados são desmembrados, classificados e categorizados e tratamento dos resultados, inferência e interpretação – interpretação dos resultados.

A escolha da análise de conteúdo é benéfica porque utiliza instrumentos metodológicos em discursos diversificados para interpretá-los, objetivando identificar características específicas e temáticas. Para o presente trabalho, interessa-nos a análise do

conteúdo compartilhado pela modelo trans Valentina Sampaio, no seu perfil do Instagram no período entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado. Durante o período, identificamos um total de 32 postagens. Os *posts* foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo. Assim, a análise compreende as três categorias identificadas com exemplos representativos e que atingem os objetivos do estudo.

5 A representação de Valentina Sampaio no Instagram

Conforme apontado nos procedimentos metodológicos, 32 publicações foram analisadas com o objetivo de compreender como se dá a representação de Valentina Sampaio no Instagram. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entendemos que o foco será nos temas abordados pela modelo. Notamos que as publicações em carrossel e em vídeos são as mais frequentes no perfil estudado. Das 32 publicações que compõem a presente análise, 12 *posts* foram em formato de carrossel, 12 em formato de vídeo e 8 em foto.

As categorias de temas criados para organizar o objeto foram construídas a partir de assuntos diretamente relacionados a esta pesquisa e, também, após uma observação da similaridade de conteúdos transmitidos nas postagens. Assim, para a análise foram estabelecidas três categorias: publicações de campanhas publicitárias, publicações de ativismo e publicações de vida pessoal.

Observando a categoria “publicações de campanhas publicitárias”, Valentina posta diferentes conteúdos divulgados em revistas na qual estampa a capa. As publicações, na maior parte das vezes, são em parceria com o perfil da revista, como no caso da *Revista Vogue* (Figura 1). Nos *posts*, ela anuncia que está fazendo parte da edição da revista, destaca alguns pontos discutidos na sua entrevista, mostra o que o seguidor encontrará na reportagem, além dos créditos aos profissionais que realizaram as fotos. Cabe destacar que a temática abordada nas suas postagens reforça a representatividade, os desafios e os obstáculos na sua trajetória.

Figura 1 – Post da capa da Vogue



Fonte: Instagram, 2024.

Ainda nesta categoria, o perfil da modelo no Instagram também contém vários vídeos promocionais de campanhas publicitárias para marca Victoria's Secret (Figura 2). A participação da modelo nessas campanhas, para além das intenções comerciais e de discurso da marca, reforça a inclusão, representatividade, pluralidade de corpos e de mulheres.

Figura 2 – Post da campanha publicitária para Victoria's Secret



Fonte: Instagram, 2023.

Em relação a categoria “publicações de ativismo”, destacamos um *post* carrossel⁹ publicado em junho de 2023 (Figura 3), em que a modelo está posando para foto do evento chamado “Stonewall Day”, no qual foi convidada. O evento faz parte de uma campanha que homenageia e celebra a luta por igualdade de direitos LGBTQIA+. A presença de Valentina

⁹ Ferramenta do Instagram que consiste na publicação de mais de uma imagem de uma única vez.

Sampaio mostra que além de estar inserida na comunidade, ela também se preocupa, luta e apoia a causa LGBTQIA+.

Figura 3 – Post da participação no Stonewall Day



Fonte: Instagram, 2023.

A legenda que explica a comemoração do dia do Orgulho e as *hashtags* “happypride”, “transisbeautiful” e “loveislove”, indicam que a modelo utiliza a sua imagem pública para dar maior destaque não só a sua participação no evento, mas também às reivindicações da comunidade. Assim, por meio de seu ativismo social, contribui para que mais pessoas conheçam, apoiem e participem da luta pela igualdade de direitos, respeito e dignidade à população LGBTQIA+.

Já com relação a categoria “publicações de vida pessoal”, destacamos uma publicação em formato carrossel realizada no dia 1 de janeiro de 2024 (Figura 4), em que Valentina usa a rede social para mostrar a sua vida pessoal. Na postagem, a modelo celebra a virada do ano de 2023 desejando esperança e positividade para 2024.

Figura 4 – Post de Valentina Sampaio comemorando o Ano Novo



Fonte: Instagram, 2024.

O conteúdo publicado pela modelo contribui para transmitir aos seus seguidores uma humanização do corpo trans, destacando sua vida social, sonhos, obstáculos, família e sentimentos. Assim, a carreira de sucesso e os seus diversos trabalhos como modelo são publicados no seu perfil do Instagram. Dessa forma, a rede social acaba sendo uma vitrine para dar visibilidade à comunidade a qual faz parte e, ao mesmo tempo, encorajar pessoas a buscarem seus espaços e superarem desafios.

Ao utilizar o Instagram, Valentina contribui com o debate público sobre o assunto trazendo representação e alterando imaginários populares que invisibilizam a transexualidade (Filho; Santos; Oliveira, 2022) sobretudo, porque o conteúdo apresentado busca justamente naturalizar corpos trans facilitando a representação correta de termos relacionados a comunidade. Assim, a modelo acaba tornando-se um exemplo para definir e determinar a identidade de movimentos sociais (Silva, 2000).

O conteúdo discursivo das postagens revela uma desconstrução de estereótipos sobre gênero e identidade. As fotografias, por exemplo, são capazes de representar, expressar e registrar uma realidade que quer ser transmitida. Lima (1988) explica que a fotografia provoca diversas leituras e reações emotivas. As imagens na rede social da modelo produzem a mensagem de acordo com a forma que seguidor entenderá os códigos. Nas imagens acima observamos a modelo em poses e enquadramentos socialmente naturalizados por corpos heteronormativos. Dessa forma, a interpretação faz parte do meio sociocultural e é uma ação puramente mental (Lima, 1988), pois relacionamos a interpretação com o nosso próprio conhecimento.

Os traços femininos, roupas íntimas, decotes e maquiagens carregam sentidos pré-concebidos pela sociedade que rotulam mulheres. Assim, Valentina busca reconhecimento que ocorre, também, pela representação visual. As imagens associadas aos discursos verbais compõem uma narrativa que possibilita a visibilidade de pessoas trans. Valentina Sampaio adquiriu reconhecimento social e sua performatividade na rede social ajuda a desmitificar visões estereotipadas sobre a comunidade e construir uma sociedade democrática e igualitária.

6 Considerações finais

A imagem da mulher trans ainda é carregada de ideias pré-concebidas e preconceitos que são, muitas vezes, reafirmados pelas mídias tradicionais e pelo imaginário social. Através das redes sociais, pessoas trans conseguem, na medida do possível, ter mais autonomia para controlar narrativas socialmente estereotipadas. A análise do Instagram de Valentina Sampaio mostra que a maior parte das postagens são relacionadas a categoria de “publicações de capas de revista e publicidade”, sugerindo que o perfil da modelo é uma espécie de portfólio da sua profissão. Além disso, objetiva transmitir mensagens positivas sobre a representatividade e visibilidade trans, principalmente quando estampa capas de revistas e campanhas publicitárias. O conteúdo publicado pela modelo revela uma tentativa de naturalizar mulheres trans, sobretudo, igualando corpos de mulheres cis (Passos, 2022).

Assim, acreditamos que a pesquisa fornece informações e reflexões relevantes sobre as formas pelas quais mulheres trans podem ser representadas nas mídias sociais. Compreender a questão que dá vazão a este estudo, vai além da análise do perfil de Valentina Sampaio. Portanto, é inquestionável o uso das plataformas digitais, meios de comunicação e internet no cotidiano dos indivíduos e na construção identitária, imaginário popular e relações interpessoais. Desconstruir o imaginário social a partir de narrativas construídas pela própria comunidade LGBTQIA+ pode servir de inspiração para outras vidas trans e, ao mesmo tempo, contribuir com a construção de um novo imaginário.

Por fim, a pesquisa nos leva a acreditar que o Instagram, assim como outras plataformas digitais, colabora para o surgimento de novas formas de representar e enxergar a transsexualidade. A midiatisação de corpos trans na mídia tradicional contribuiu, ao longo das décadas, com imaginários estereotipados. Há um longo caminho a ser enfrentado contra à violência e marginalização, contudo, as redes digitais estão abrindo caminhos para mulheres trans terem voz, visibilidade e autonomia.

Referências

ALEXANDRINO, R. **A Suposta Homossexualidade**. Curitiba: Appris Editora, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direito a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidade, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 319-351, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/bwWdcsDTNwS9mxzBkX6MSmx/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 13/06/2024.

DIAS, R. B. **Identidade de gênero trans e contemporaneidade**: representações sociais nos processos de formação e educação. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Mato Grosso, Campo Grande, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2680>>. Acesso em: 12/03/2024.

FILHO, F; SANTOS, F; OLIVEIRA, M. Transexualidade impressa: a construção temporal das identidades das mulheres trans na Folha de S. Paulo. **Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 58, 2022. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5525>>. Acesso em: 18/03/2024.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, J. N.; QUINALHA, R. **Ditadura e homossexualidade**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2023.

LIMA, I. **A fotografia é sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LIMA, C.; LOURENÇO, P.; RODRIGUES, E. Influência do Instagram no Comportamento do Consumidor. **Faces Journal**. Belo Horizonte, v.19, n.2, p. 89-102, 2021. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/7523>>. Acesso em: 18/03/2024.

MAZARO, J. L.; CARDIN, V. S. G. Da precariedade do acesso à saúde, das políticas públicas ineficazes e das técnicas clandestinas de modificação corporal utilizadas para travestis e mulheres trans. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, n. 37, p. 146-165, 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/303991117.pdf>>. Acesso em: 17/06/2024.

MOREIRA, E. A.; MARCOS, C. M. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 2, p. 593-609, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/15311>>. Acesso em: 15/06/2024.

MOTT, L. **A Inquisição no Maranhão**. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1994.

PARANHOS, W. R. Travesti não é bagunça! Entrevista com Erika Hilton. **COR LGBTQIA+**, v. 1, n. 4, p. 146–150, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/570>>. Acesso em: 15/06/2024.

PASSOS, M. C. **Pedagogias das Travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PEREIRA, C. F. **Movimento LGBTI+ e partidos políticos**: a institucionalização partidária da diversidade sexual e de gênero no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Universidade de Brasília. Brasília, 2022. Disponível em: <<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/45847>>. Acesso em: 12/06/2024.

PICCHIAI, D.; MARTINEZ, M.; AZOUBEL, D. Muros discursivos: mapeamento da cobertura trans pela Folha de S. Paulo entre 1960 e 2017. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/41070>>. Acesso em: 12/06/2024.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, E. O.; BRITO, A. M. Travestis e transexuais no jornal Lampião da Esquina durante a ditadura militar (1978-1981). **Dimensões Revista de História da Ufes**, Vitória, v. 38, p. 214-239, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/16813>>. Acesso em: 23/06/2024.

SILVA, J.; RAMACCIOTTI, B. M. Programa Transcidadania: Política Pública de Inclusão de Mulheres Trans pela Educação Formal e Não-Formal. **Revista Humanidade e Inovação**, v.7, n.5, 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2631>>. Acesso em: 15/06/2024.

SILVA, T. R. **História do Brasil Republicano**. Indaial: Uniasselvi, 2015.

SOUZA, C. Travestis e Transexuais no Brasil: Memórias de Luta e Resistência. **Quaderns de Psicologia**, Coimbra, v. 25, n. 1, 2023. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8851628>>. Acesso em: 21/06/2024.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

YU, W. *et al.* Nelas, através delas, em memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismo transcedentais no Brasil. **Libero**. São Paulo, n. 51, p. 29-51, 2022. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1750>>. Acesso em: 24/03/2024.

Recebido em: 06/10/2025

Aceito em: 01/11/2025